

Camila França¹

DOI: <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2025.v18.48929>

5 MINUTOS

O sol nem nasceu e eu já tomei meu café; a vizinha já me dá “Bom dia”, e eu tenho que fingir simpatia. Bom dia? Quem tem um bom dia depois de dormir apenas 4 horas por noite? Ontem foram 3. É verão, tempo de chuvas horrorosas, todo mundo chega uma hora depois do previsto, as mulheres nem se desesperam mais. Iria preferir que meu marido estivesse me traindo que chegando em casa reclamando do trânsito todos os dias, como se eu também não estivesse estressada. Olha lá, duas adolescentes, voltando da farra em plena quarta-feira. Elas não fazem nada? Cadê os pais dessas crianças? Elas estavam descendo até o chão, enquanto eu ficava em pé em um trem lotado, que estava parado por causa de uma porra de uma árvore que caiu por conta da chuva. Viajei por mais de 20 estações em pé, os jovens de hoje não dão lugar para prioridade. Há 60 anos, na minha infância, crianças e idosos tinham certeza de seus lugares; e os velhos, como eles nos chamam, eram prioridades acima das crianças. Meus braços ainda doem das bolsas pesadas que segurei enquanto esperava a via ser liberada.

Está vindo a van, tomara que seja o Rogério, ele é o único que para ao me ver. Os outros passam direto, pensando que quero gratuidade. Idiotas! Eu trabalho, tenho meu dinheiro, não preciso de um favor de vocês para ter meu direito. É ele! Que bom! Rogério não me deixa pagar passagem, é um jovem de bom coração e uma educação exemplar. Vive reclamando da mulher, da sogra e da ausência do cobrador. Esses jovens complicam demais a vida, quando tinha a idade dele não era assim, nos meus 40 anos eu já queria praticidade. No lugar dele, já teria pedido divórcio, me livraria da mulher e da sogra ao mesmo tempo. Meu telefone começou a tocar, não quero atender, mas pode ser Cláudio precisando de alguma coisa. Nos separamos há uns 20 anos; na época, optei pela praticidade, mas ficamos amigos. No início, foi por causa das crianças, mas depois, foi para cobrir a solidão. Nossos amigos morreram cedo e só tínhamos um ao outro. Nossa filha mais nova se mudou para o Japão, três anos depois da morte do nosso filho. No início, fiquei com raiva, me senti abandonada, mas depois, me acostumei, e entendi que aquela frase clichê horrorosa faz total sentido: “filho a gente cria para o mundo”, dizia Cláudio quando eu ligava para reclamar dos genes que ele fez o favor de implantar em mim em 5 minutos de transa malfeita. Não era Cláudio, era o banco me fazendo mais uma cobrança. A morte de nosso filho me rendeu um nome sujo, mas eles não querem saber. Eu já disse que vou pagar, inferno. Estou fazendo extra na casa da Dona Soraia para conseguir limpar meu nome

¹ Moradora de Santa Cruz, Zona Oeste do Rio de Janeiro, é atriz e graduanda em Letras – Português/Literatura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista do projeto de extensão *EsCApe – Laboratório de Experimentação Cênica do CAP-UERJ*, participa ativamente de iniciativas e atividades culturais. Sua produção literária, especialmente na escrita de contos, é fortemente inspirada pelas vivências e experiências na Zona Oeste carioca.

esse mês, falta só mais um pouco. Amanhã passo no banco e acabo com isso. Não quero fazer acordo, do último acordo que fiz me sobraram dois filhos e um ex-marido com humor péssimo e piadas horrorosas.

Cheguei na estação antes das 5:00h, vou conseguir ir sentada, mas no metrô até Nossa Senhora da Paz tenho certeza de que irei feito uma sardinha enlatada. Dá tempo de tirar um cochilo até chegar na Central... Senhora, chegamos... Alguém me acorda na minha melhor hora, não vi quem era, só escutei a voz e o/a vi andando longe pelo corredor. Os pés batendo desesperadamente para chegar ao metrô. Isso! Aproveitem enquanto os joelhos permitem, há 40 anos eu faria o mesmo, mas agora é torcer para que uma alma caridosa se ofereça para levar minhas bolsas até a estação; mas ninguém me percebe aqui, estão todos focados em não perderem a hora e eu passo despercebida, a humanidade é construída a base da pressa. As bolsas entram, mas quase que eu fico.

Consegui chegar antes que a patroa e as crianças acordassem, consigo deixar o café da manhã pronto sem fazer barulho, se não a donzela acorda irritada. Lembro a primeira vez que limpei uma casa, tinha 11 anos, era um acordo com a dona, limpava a sala e cozinha por um almoço, e os banheiros pela janta. Nunca deixei de estudar; na escola me ensinaram o que era um salário, comecei a cobrar e dizia que conhecia meus direitos. Uma professora me ensinou a falar isso, mesmo que eu não conhecesse, era importante falar que sim, isso intimidava os patrões. Dona Soraia saiu para caminhar depois do almoço, as crianças ficaram comigo; além dos quartos, eu tinha que limpar as crias. Ah, Maria, elas te adoram, vão amar ficar com você por umas horas. Essas horas viravam momentos diários. Eu torcia para elas não caírem, minha coluna não aguenta mais segurar uma mini pessoa enquanto meus ouvidos sofrem com o barulho do choro. Voltou quase à noite, mas não posso reclamar, depois de me ouvir falando sobre a dívida ela me prometeu uma quantia a mais, o suficiente para limpar meu nome com o banco. Agradeci! Peguei minhas bolsas. Precisava levar meu material de trabalho junto comigo e carregar de volta para casa. Há um tempo, isso não me incomodaria, mas com uns anos os braços vão ficando fracos, e até uma pena pesa.

A volta não tem como, é colocar a mão para o alto, bolsas entre os braços e pernas com o máximo de firmeza que puder. A Estação do Maracanã está mais cheia do que o comum. Ah, não, é dia de jogo. Ninguém merece dividir a viagem com esses torcedores escandalosos e bêbados. Não gosto de bêbados, nunca gostei. São chatos, ou são abusados, ou são melosos demais. Acordei com o tranco do trem. Ainda estava em Realengo. Tinha uma jovem no chão me olhando, olhava para as pessoas nos bancos e depois olhava para mim. É menininha, nossa cor favorece a idade até certo ponto; em lugares públicos eles acham que não somos tão velhos assim, mas minha cor não ameniza meu cansaço. Alá, entrou uma branca, deve ser uns 10 anos mais nova que eu, deram lugar para ela. Estava voltando do shopping Bangu com certeza, com bolsas de lojas de roupas, e eu aqui com produtos de limpeza. Dormi mais uma vez. Acordei em Campo Grande, finalmente um lugar para me sentar, metade desce aqui e a outra só na estação final.

Santa Cruz nunca está vazio, adoro os meninos do mototáxi. E aí, tia? Tô no corre aqui ainda, não vai rolar carona hoje não. Tranquilo, meu filho, o que são mais uns minutos perto de 4 horas de viagem? O motorista da van teve um problema com o tal do fiscal da segurança local, tivemos que descer. Cogitei com uma mocinha de pedir essas motos de aplicativos, quando disse para onde era, ela deu uma risada. Antares, tia? Ninguém entra lá não, às vezes nem no Rodo. Rodo, 60 anos morando em um lugar, chamando-o de um jeito para depois mudarem o nome; fala Rollas, porra. Fui andando até em casa; Junior passou e me ajudou a levar as bolsas. Não ia aceitar, vi esses moleques crescerem, e agora tenho que andar ao lado deles enquanto carregam uma arma pendura no peito.

5:00h acordo com barulhos e gritos, pareciam invasões. Puta que pariu, no dia da minha folga? Já vi que vou ter que ir ao banco no último horário. Depois do almoço ninguém vai lembrar que teve operação... Telefone tocando às 7:00h? Já desliguei meu celular para não ser incomodada, esses bancos não descansam. Dona Soraia? Mas hoje é minha folga... está tendo operação... Eu não posso devolver o dinheiro extra para senhora... sim, senhora! PUTA! Usou o argumento do dinheiro do banco para me fazer trabalhar hoje, como assim? Eu não sabia! ELA NÃO AVISOU! Ainda vai me descontar o atraso na minha folga. Como vou sair daqui?

Não tem ninguém na rua...

Queria sair correndo, mas as bolsas pesam e minhas pernas doem. Antes, eu fazia esse caminho em 5 minutos, agora, depois de 15, estou chegando perto da entrada. Esses barulhos insuportáveis de moto, estão mais rápidas e barulhentas que o normal. São muitas. Já passaram Cleiton, Matheus, os meninos da rua de cima, os filhos da vizinha da igreja... CORRE, TIA!... Eles entraram atirando sem olhar, meu peito está doendo, estou sentindo falta de ar, acho que estou nervosa. Olha como eles passam correndo, quase atropelando a gente, não posso morrer, tenho um nome para limpar. Vou correr logo para o asfalto, mas minhas pernas estão fracas, o nervosismo me deixou com a pressão baixa, estou vendo tudo girando, tem uma jovenzinha vindo na minha direção, acho que percebeu que estou tonta, vou pedir uma água. Estou no chão? Como? Que pano é esse, não estou enxergando, está tudo escuro e a dor no peito não passa, não consigo falar. Sangue? Que isso? Não pode ser! Me recuso a morrer na mesma esquina que meu filho. Me deixa levantar, tenho um nome para limpar. E Cláudio? Vai ficar sozinho? Eu sempre disse que eu o enterraria. Me deixa levantar, Dona Soraia não tem com quem deixar as crianças. Eu estou vendo minhas crianças correndo pela casa, Cláudio dando os votos de casamento, ele cumprindo 80%. Minha mãe? Mas ela já morreu! Quem é essa no espelho com ela? Sou eu? Joana? Estamos rindo pelo balanço, por onde será que ela anda? Será que irá ao meu enterro? NÃO! Me recuso a morrer. Estou vendo o rosto das pessoas chorando, dizendo algo que não estou ouvindo; Mari, minha sobrinha no telefone, desesperada, mora a duas ruas de mim, e esse ano não foi nenhuma vez me visitar. A vizinha que espanca os filhos tem sentimentos. A mocinha diz algo que não escuto, estou vendo bem de longe sua boca mexer, estou falando, mas ela não me ouve. Não consigo mais forçar os olhos, o tempo está acelerado, mais corrido que meus últimos 50 anos. Olhei agora e era 8:20h, turvamento; enquanto meus olhos ainda enxergam, forço e são 8:25h. Não vejo mais nada além da minha vida. Sobrevivi por 65 anos, e estou morrendo em 5 minut...

CLARA

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 2009 - 15:50h

Era uma tarde de carnaval, final de verão nesta cidade em que o calor é eterno. O sol refletia na madeira, enquanto vagarosamente aquele caixão descia. Fui sentindo o peso de cada queda de terra, ouvindo o silêncio gritante e doloroso das lágrimas. Uns de preto, outros com fantasias. Mas a cada som, a minha alma sucumbia. O coveiro pegou, com lágrimas nos olhos, a última montanha de terra e jogou, com delicadeza, e me encarou. Fechou o túmulo, e ali finalizou a história da minha vida.

Faz 5 anos que a ausência me acompanha. A cada olhar de uma moça na esquina, eu vejo Clara, minha filha. A sensação que eu tenho é que seu sangue se espalhou e apareceu em cada jovem de 16 anos, todas se parecem com ela. Mesmo que não tenham seus olhos negros, seu cabelo afro, sua boca avermelhada e o sorriso que apenas ela tinha; ainda que sua voz seja diferente, o jeito de mexer as mãos delicadamente, a forma em que abraçava e não soltava; mesmo que a forma de andar como se flutuasse não seja a mesma, mas elas se parecem, elas me lembram a minha doce menina de pele negra e tatuada. São 5:30h, e o despertador toca com a sua música preferida. Deixei separada, no canto do sofá, a roupa do trabalho: uma blusa branca, uma calça branca, e uma sandália branca, que foi achada junto ao corpo de Clara. Dona Soraia me moveu, Clara com certeza comemoraria o fato de eu ganhar mais duzentos reais ao mês. Agora seria possível acrescentar o queijo na compra mensal, mas sem ela, “Romeu e Julieta” se torna amargo. A pior dor do luto, é a saudade da partilha, e a idealização de pequenos fragmentos que jamais irão acontecer.

“Bom dia, mamãe! Estou indo ao Centro para comprar a sandália que falta do uniforme. Não quis te acordar para pedir sua benção, a senhora estava dormindo feito uma princesa. Deixei seu café na garrafa com uma florzinha que recolhi do quintal.

*Juro que volto para o jantar! Não assista “Romeu e Julieta” sem mim.
Chego antes das 21:00h.*

Sua benção. Com amor, Clara”

Todos os dias pela manhã, eu releio o bilhete deixado por ela naquele dia, a garrafa ainda está no mesmo canto, não tive coragem de mexer no seu café que ainda cheira pela casa; a flor, ressecada, mas tão viva, compõe a decoração da minha mesa ao lado da xícara branca e da caneta preta, que ela dizia que deixava sua letra parecida com a minha. Ao terminar de ler, esboço um sorriso com a falsa esperança de que ainda estamos naquele dia de carnaval, o DVD ainda está em cima da mesa, esperando que ela chegue. Faz 5 anos que não assisto *Romeu e Julieta*, prometi a ela que não assistiria enquanto não chegasse. Espero que não demore! Acho que todo mundo deveria passar pela dor do luto antes de me enviar mensagens dizendo que a

vida continua. Deveria ser proibido uma mãe enterrar um filho, seja ele dentro de um caixão, ou no vazio de seu útero.

Antes de sair, passo no seu quarto de porta rosa, desenhos espalhados por toda parede; a direita está sua cama, coberta por seu edredom de borboletas, em cima, Tontom, Max e Teddy, todos juntos para não ter ciúmes na hora de dormir. No pé da cama, o tapete que ela mesma fez, por cima, seu chinelo de costas para a porta, esperando que ela chegue e encaixe seus pés suados de tênis. “Deus te abençoe, minha filha”. Jogo um beijo, fecho a porta e vou para a estação.

Naquele dia, ao voltar do trabalho, não parei para tomar meu café da tarde na padaria do centro. Não podia perder um minuto sequer, era dia de filme. Clara não sabia, mas eu estava comemorando o seu término. Não precisaria olhar mais naqueles olhos assustadores entrando na minha casa, minha menina não choraria mais pelos gritos, e eu não teria que explicar novamente que as mãos que a tocam foram feitas para carícias. Estava tão feliz que nem reclamaria se ela quisesse assistir repetidamente *Romeu e Julieta* enquanto chorava. Quando se é jovem, a dor de um término é pelo medo de não encontrar um outro alguém. Quando se amadurece, a dor do término é pelo medo de não encontrar a si mesmo outra vez. Entrei no vagão às 17:40h e já não tinha mais lugar para se sentar, mas, por um segundo, na central do Brasil, senti alguém me segurar e, em velocidade indescritível, eu estava no banco e com uma água na mão. Não sei o que aconteceu, talvez fosse a falta do café. Meu coração apertava, doía, eu puxava o ar enquanto meu peito se enchia; as mãos fracamente fortes seguravam a bolsa de produtos, meus olhos fechavam e abriam lentamente enquanto suava e tremia. A boca tão seca que cada saliva descia como uma tesoura rasgando um véu. Em eternos e inacabados instantes, eu desejei estar ao lado de Clara, e as lágrimas caíram sem que eu pudesse controlar.

Naquelas duas horas sentada no banco de um trem, senti contrações em meu coração. A dor vinha como dilatações das cinco horas que Clara lutou para vir ao mundo. Estava batendo tão forte quanto o dia do seu nascimento; a cada batida eu podia senti-lo na minha garganta, com o misto de ansiedade e dor de amor. Não há remédio que cure a dor do amor, eles andam juntos, andam lado a lado, sendo mediados pelo medo. Talvez fosse cansaço.

Toda vez que passo por essa rua, me recordo daquela cena, passei a dar a volta, andar mais cinco minutos, só para ter a sensação de, por um instante, ter de volta minha filha. Hoje, passei por ali e estava tocando a música que ela amava, fui tão feliz em ouvir; as notas passaram por mim como forma de dança e remédio, saí pela rua cantando até chegar aqui. Santa Cruz é a terra do “Oi”, para cada dez passos que se dá, cinco conhecidos passam por você. Ainda não são nem sete da manhã, e já está tudo montado por aqui, corro para não perder o trem ou então só depois de 30 minutos sairá outro. Desço as escadas enquanto um dos meninos pressiona seu corpo entre as duas portas para que elas não se fechem, e em um unânime coro eles gritam “CORRE, TIA. CORRE!”. Passo feito uma linha pela agulha, me espremendo e rindo enquanto eles dominam aquela porta como se fosse uma simples folha de papel. Há privilégios em morar onde o trem dorme, a essa hora, eu consigo um lugar para ir sentada antes que chegue em Campo Grande e lote tudo de uma vez.

Eu desci as escadas da estação, e por um momento olhei aquele céu azul, misturado com laranja e vermelho, e não consegui ver beleza em suas cores místicas; ainda tenho a lembrança

da sensação do vento que abraçou meu corpo naquela tarde, e a sensação de caminhar pela praça no meio de jovens e adolescentes fantasiados e com uma falsa alegria alcoólica. Lá estavam eles, rumo ao Largo da Bica, eram eu ontem, com a alegria vestida pelos carnavais, pulando e fugindo quando minha mãe passava por ali ao voltar da igreja; eu pegava o caminho mais rápido pra casa e, quando ela chegava, estava sentada no sofá fingindo ler o livro das férias. Ela fingia que não me vira, fingia não conhecer aquele caminho percorrido enquanto apanhava de sua mãe; fingia não optar pelo caminho mais longo, parar na casa da irmã na rua de cima, para que eu tivesse tempo de me trocar e me sentar no sofá; fingia não deixar as chaves caírem de propósito para que o barulho me alertasse que estava chegando. Ela não queria ver, e talvez esse seja o maior momento artístico materno: fingir. Fingir e não acreditar que filhos não são as idealizações daquilo que gostaríamos de ter sido.

Preciso de uma forma de explicar para dona Soraia o porquê o trem atrasou outra vez, eu não sabia que precisaria levar as crianças para a escola também, isso não estava combinado. Choveu por aqui, e é preciso andar devagar para que os sapatos brancos não se tornem úmidos e manchados pela chuva. Dona Soraia disse que o uniforme branco foi pensando no contraste que daria com o tom de pele de pessoas assim como eu.

“Dona Clara Maria, as crianças estão empolgadas para você buscá-las. Não esqueça do uniforme branco como a pele de uma mulher bonita.”

As bolsas estavam pesadas, e eu não tinha mais o Junior passando para me ajudar a carregar. Era um menino bom, mas de péssimas amizades. Lembro quando brincava na rua com Clara, aquele barulho da bola batendo no meu portão, e eles correndo toda vez que eu ameaçava furar e deixá-los sem brincadeira. Quanto mais eu caminhava, mais me faltava ar, respirava com agonia, com dor, com a sensação de que meu corpo se desfazia aos poucos; ao mesmo tempo que a dormência tomava conta, a dor aparecia de forma que nenhuma ciência seria capaz de nomear. Estava tudo diferente naquele dia, não parecia mais a minha vida, eu sentia falta de algo e não sabia dizer o que era. Quase fui atropelada pelo carro de bombeiros e pelo de polícia, que passaram fazendo com que eu sentisse calafrios. Cada vez que passo naquela esquina, sinto de volta o gosto amargo do sangue que um dia escorreram pelas minhas pernas em um aborto que matou uma parte mim.

Achei uma foto de Clara criança na minha carteira. Ouço a gargalhada que me tirava o sorriso todas as vezes que ela me trazia de volta a vida que um dia foi perdida.

“Era jovem”, “Mas o que ela fez?”, “Essas meninas de hoje em dia não se respeitam, e depois querem que não aconteça nada”, “Alguma coisa ela fez”, “Se tivesse se valorizado, estaria viva”, “Imagina a mãe”, “Poderia ser qualquer uma de nós”, “Não se justifica...”, “Vocês têm que ouvir o outro lado da história também”.

Hoje coloquei Maria Bethânia para tocar naquele disco que ela mais amava. A voz da filha de Oyá, como diria Clara, tem o poder de acalmar até o coração mais obscuro e a mente mais perturbada. A cada batida de “Olho nos olhos”, eu dançava; nas mãos, tinha o café do

amor. Passos de sorrisos, como se ela estivesse chegando, como se ela me esperasse. Coloquei “Romeu e Julieta” e deixei preparado para sua chegada, me arrumei, separei sua fantasia, e fui buscá-la na esquina onde a deixei.

Abracei Clara, abracei tão forte que as marcas do seu sangue ficaram em mim. Abracei porque sempre achei que mães tinham superpoderes, abracei porque era assim que fazíamos quando criança. Lembro que uma vez, aos 10 anos, Clara caiu enquanto descia a rua de bicicleta, se levantou, ergueu a cabeça juntamente com o guidão, e subiu novamente o morro sem derramar uma lágrima, mas dentro dos seus olhos que me encaravam, eu via a dor e a frustração; passou por mim como se pedisse ajuda, entrou e, ao fechar o portão, me abraçou tão forte que era impossível que eu não chorasse com ela. Enquanto enxugava suas lágrimas, encostou sua testa junto a minha e disse: “Mamãe, seu abraço tem o poder de me curar de novo”. Eu acreditei. Abraçava e apertava querendo ouvir novamente aquela frase... Clara não disse. Eu falhei como heroína...

Subi as escadas, e a cada degrau meu coração parecia pular mais de alegria. Eu sentia o seu cheiro e ouvia sua risada cada vez que me aproximava. Os anos passavam e, outra vez, era carnaval. Mas nenhuma marchinha conseguia soar mais alto que o barulho do meu coração cada vez que me aproximava do 10º andar. Meu corpo estava cada vez mais dormente, não sentia o cansaço de subir tão depressa, não vi o tempo passar, parecia que todos os dias eu fazia aquilo; não me cansei, eu sorria. Sorria e subia o mais rápido que podia, meus pés pisavam firmes enquanto me recordava da sua música preferida, e, dentro de mim, ensaiava para cantar para ela. Cada vez mais estava perto de encontrá-la. Os sons ficaram distantes, os foliões pareciam não existir mais, dando espaços apenas para nós duas e nosso reencontro. Enquanto andava pelos corredores, pensei como iria dizer a ela que não conseguimos justiça, que a impunidade segue, que depois de mim mais duas mães choraram, que não existe leis onde vivemos, que o dinheiro compra liberdade, que eu preferi não ter mais notícias. Como explicar que não tive forças para lutar por ela?

Antes de soltá-la, fui ao seu ouvido e jurei lutar por ela todos os dias. Nenhuma mulher merece morrer de amor pelo homem que a odeia. Deixei seu corpo e levei sua alma comigo, fui decidida, até duas quadras depois. Mas já não era mais tempo. Tentando organizar outros mundos, eu destruí o meu.

No canto da minha bolsa tinha papel e caneta, eu não podia ter mão vazias. Clara me chamava, podia ouvir sua voz e sentir seu cheiro a cada passo. Para mim, não existia mais nada além dela ali, na minha frente, com o mesmo olhar, sorriso, rosto e jeito de 5 anos. Ela estava linda naquela roupa, faltava os sapatos, mas Clara gostava de sentir o sereno do chão. “A sua benção, minha mãe”, soava com o mesmo tom doce e amoroso. “Deus te abençoe, minha filha”. Clara sorria, dessa vez foi ela quem me abraçou, me fazendo viver novamente. Eu voava, não nos incomodamos com a plateia fantasiada, não havia mais dor e nem saudades. Eu podia sentir o vento da respiração de Clara, me faziam lembrar cada momento que se deitava em meu colo com medo, e seu coração batia como aquelas baterias que pararam para nos olhar. O silêncio se fez e, por uns segundos, fui ninada pelas vozes de Maria Clara. Não tive tempo de justificar, não sabia o que dizer à minha filha, apenas pensar que meu vazio

se preenche novamente. Deixei para trás a dor, a saudade, a culpa, a ausência, juntamente com poucas linhas que diziam:

"Hoje estou bem! Dancei com minha filha, ouvi sua voz, era exatamente do jeito que eu me lembra. Ela continua linda, sorridente e amorosa. Dessa vez, é seu abraço que me cura. Por 5 anos tentei dançar sozinha, mas sem a companhia de Clara, sou uma péssima dançarina; é ela que me conduz a cada passo. Deixo essas notas e a voz de Bethânia como sinal de que estou novamente viva.

À Dona Soraia, eis aí o contato de alguém de minha confiança para que a senhora dê aos seus cuidados as nossas crianças.

21 99999 9999 – Rita de Cássia

Com ternura, Clara Maria – 27/02"

Data de submissão: 28/05/2025

Data de aceite: 09/08/2025